



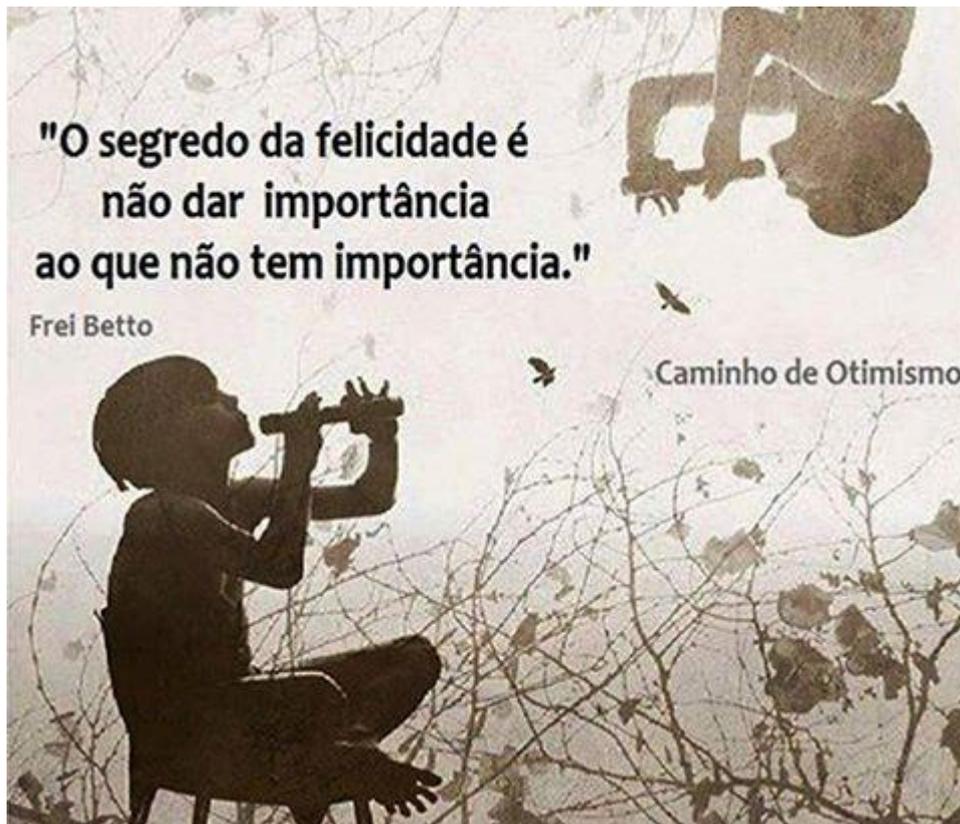
ALMANAK_Abril, 06-2016

Registro de leituras Não Alinhadas : Democracia – Economia – Cultura



GRATO PELA LEITURA E COLABORAÇÕES – **P.Timm - Editor**

Postado diariamente em www.paulotimm.com.br



Índice

Vida que segue no Dia-a-dia: Um feliz, outro nem tanto...

Aos berros: Paulo Timm– A.Fornazieri-G.Boulos pg.02-06

Meu Brasil: Energia cara para os trabalhadores-06>12

Intérpretes do Brasil: Caio Prado Jr. , biografia.- pg. 12>14

Máximas e Mínimas: Cecília Meirelles pg. 14

Imagens Revolucionárias: pg 14

**Navegar é preciso: Autópsia de uma cobertura jornalística –
pg.14>19**

Livre Pensar: Temer e o sub-ótimo pg. 19>21

ARS GRATIA ARS

Artes Poéticas: Barbieri, um saxofone livre e latino pg.21>24

Video: Christian Lohbauer (Partido NOVO) defende um novo modelo político e menos intervenção do Estado – pg. 24

Cinema: A Casa de Vidro – pg.24-44

Livros: Ricardo Timm de Souza : Trilogia sobre Kafka pg. 44

Televisão: pg. 44

Variedades: pg. 45

Crônica : Ariovaldo e Sara – Alexandre Ribondi, pg. 48

Boletins e Blogs Recomendados: Final

**Uma publicação Confraria COQRETIM-
Torres – POA – S.Maria**

Notícias: EL PAÍS Brasil <http://brasil.elpais.com/>

**Artigos diversos - <http://indicedeartigosetc.blogspot.com.br/>
<http://www1.folha.uol.com.br/colunistas/>**

<http://www.afolhatorres.com.br/upload/jornal.pdf>

GATOS PINGADOS AOS BERROS



Paulo Timm: LIMPANDO O CONVÉS:

Destaques no UOL hoje:

1. Queda do dólar
2. Investidores externos retomam atenção sobre papéis brasileiros
3. Ministro Nelson fala sobre Política e Economia

Todas, indicações de que há sinais positivos na retomada da economia, contrariamente ao que afirma o discurso político de que a crise política levará mais longe ainda a crise econômica.

Além dos pontos acima há que se ter em conta outros fatores que poderiam sustar a queda do PIB no segundo semestre (nada de euforia!):

Ligeira melhora dos preços de algumas commodities, associada à relativa folga cambial

Redução do ímpeto inflacionário

Corte dos salários reais já consumado, segundo Ministro Nelson, na ordem de 30%

Novo nível de preços, já ajustados da energia elétrica e da gasolina.

Esgotamento do empresariado na viagem política do impeachment, cada vez mais problemático, comandada pela FIESP

Ainda assim, persistirá a questão FISCAL, corroendo a possibilidade da retomada da economia.

Aldo Fornazieri

EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO, CONTRA O GOLPE: Leia a Constituição, Gilmar Mendes. Chega de fanfarronices. "Não conhecia impeachment de vice-presidente", diz Gilmar Mendes.

O QUE DIZ A CONSTITUIÇÃO: Art. 52. Compete privativamente ao Senado Federal:

I - processar e julgar o Presidente e o Vice-Presidente da República nos crimes de responsabilidade, bem como os Ministros de Estado e os Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica nos crimes da mesma natureza conexos com aqueles;
(Redação da EC 23/1999).

CUNHA DIZ QUE NÃO VAI CUMPRIR A ORDEM JUDICIAL DE ABRIR PROCESSO DE IMPEACHMENT CONTRA TEMER: isto representa uma quebra da ordem constitucional e Cunha precisa ser preso.

Mendes, Cunha e Moro vivem rasgando a Constituição.

Constituição de 1988



PSDB e DEM pedem prisão de Guilherme Boulos



http://jornalggn.com.br/noticia/psdb-e-dem-pedem-prisao-de-guilherme-boulos#.Vv_tz3V-6Mo.facebook - DOM, 03/04/2016 - 09:32



Jornal GGN – O deputado federal José Carlos Aleluia (DEM) entrou com uma representação na Procuradoria da República pedindo a prisão de Guilherme Boulos, coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). O deputado o acusa de “incitação ao crime” e “formação de milícia privada”.

Nas redes sociais, Boulos explicou e pediu apoio. No pedido de prisão o deputado “Referiu-se a uma declaração que dei de que o país pegaria fogo com greves e ocupações de fossem adiante com os ataques”.

Depois, o PSDB também entrou com um pedido de prisão contra Boulos por incitação ao crime, “por ter feito uma fala quarta no palácio do Planalto (lançamento do Minha Casa 3) dizendo que haverá resistência”.

Abaixo, a mensagem de Boulos:

Caros/as companheiros/as,

Na medida em que as mobilizações em defesa da democracia e dos direitos sociais têm se intensificado nas últimas semanas vem a reação da direita.

Ontem, o deputado José Carlos Aleluia entrou com uma representação na Procuradoria da República pedindo minha prisão por "incitação ao crime" e "formação de milícia privada". Referiu-se a uma declaração que dei de que o país pegaria fogo com greves e ocupações de fossem adiante com os ataques.

Hoje, o PSDB entrou com uma segunda representação por "incitação ao crime" por ter feito uma fala quarta no palácio do Planalto (lançamento do Minha Casa 3) dizendo que haverá resistência.

É uma ofensiva no sentido da criminalização.

A orientação dos advogados do movimento foi tentar dar a maior visibilidade possível e demonstrar reação (mesmo que pelas redes) para evitar alguma ação arbitrária, tal como prisão preventiva.

Peço então aos que possam que divulguem em suas redes sociais e ajudem a denunciar. Deve sair um manifesto de repúdio no início da semana. A Laura Carvalho está organizando.

Valeu!

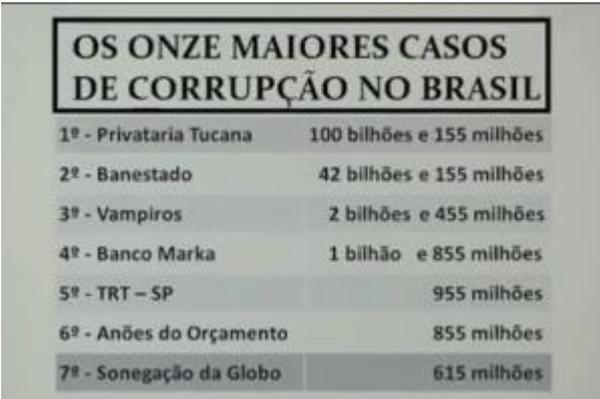
Vídeo de globais contra impeachment chama TV de corrupta e gera saia

justa

Paulo Pacheco
Do UOL, em São Paulo - 31/03/2016 17h25 > Atualizada 01/04/2016 13h05

Um vídeo com estrelas da Globo contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff gerou saia justa entre os artistas porque chama a emissora de corrupta. José de Abreu, Monica Izzi, Tonico Pereira e Letícia Sabatella são alguns dos contratados da Globo que participam a campanha, que tem mais de 300 mil visualizações nas redes sociais.

Reprodução/TV Poeira



OS ONZE MAIORES CASOS DE CORRUPÇÃO NO BRASIL	
1º - Privatária Tucana	100 bilhões e 155 milhões
2º - Banestado	42 bilhões e 155 milhões
3º - Vampiros	2 bilhões e 455 milhões
4º - Banco Marka	1 bilhão e 855 milhões
5º - TRT - SP	955 milhões
6º - Anões do Orçamento	855 milhões
7º - Sonegação da Globo	615 milhões

Vídeo de artistas da Globo contra impeachment chama emissora de corrupta

O material, divulgado pelo deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) e creditado ao canal TV Poeira, foi publicado no Facebook na última quarta (30), com famosos falando sobre corrupção em outros partidos além do PT e também em empresas.

Enquanto os globais falam sobre corrupção, o vídeo mostra uma lista dos "onze maiores casos de corrupção no Brasil". No sétimo lugar dessa lista está a Globo, dizendo que ela sonegou R\$ 615 milhões.

Nesta quinta, a TV Poeira publicou uma versão do vídeo sem a citação à Globo. O canal informou ao **UOL** que "o vídeo que está no ar em nosso canal com artistas chamando para a manifestação de hoje é a versão oficial e autorizada lançada pela TV Poeira. Quaisquer outras versões que estiverem circulando pelas redes sociais e outros canais não é a oficial e nós estamos pedindo para todos que retirem todas essas versões alternativas do ar".

"O vídeo em questão não é falso, mas uma versão errônea que foi para o ar indevidamente e sem aprovação mas que foi, em seguida, corrigida. No lapso de tempo em que o vídeo errado esteve no ar, as redes o capturaram e o mesmo foi compartilhado algumas vezes, fugindo então do nosso controle. Esperamos que todos possam substituir o vídeo por sua versão oficial e que nossa mensagem a favor da democracia seja ouvida", finaliza a TV Poeira, em resposta à reportagem.

Saia justa

Os globais, que em nenhum momento citam a emissora em seus depoimentos, não gostaram da edição do material. Procurado pelo **UOL**, Tônico Pereira afirma que não sabia que a Globo seria acusada de corrupção no vídeo do qual participou.

"Isso é uma loucura, uma sacanagem, botar uma coisa que não falei. Não estou falando pelos outros, mas eles devem estar no mesmo barco que eu. Ninguém falaria mal da Globo", critica o ator. "Podemos ter divergências de pensamento, mas a Globo como empresa já salvou a minha vida muitas vezes", completa.

Tônico gravou sua participação em sua casa, há dois dias, e não conhecia os responsáveis pela TV Poeira. "Vou falar com a Globo e explicar o que falei. Não fiz nenhuma denúncia [contra a emissora]", esclarece.

Em entrevista ao **UOL** durante a festa de lançamento da novela "Liberdade, Liberdade", Zezé Polessa disse que ela só gravou o vídeo para mostrar sua indignação com o possível impeachment.

"Gravei o vídeo para a TV Poeira, não tem nada contra a Globo. Eu soube até de uma manifestação que eu ia, mas não fui porque eu tinha que estudar e fiquei acompanhando numa Internet ao vivo. E ainda bem que eu não fui porque tinha uma pessoa lá possuía que falava: ' eu odeio a TV Globo'. Eu ia ter que falar que eu adoro fazer novela", explica.

A TV Poeira é um braço do Teatro Poeira, administrado pelas atrizes Marieta Severo e Andréa Beltrão, informação confirmada por telefone por uma secretária da empresa. À reportagem, o canal nega: "Esta informação está incorreta, pois a TV Poeira é uma iniciativa coletiva e autônoma de centenas de artistas, e não possui vínculos com quaisquer instituições ou organizações.

O **UOL** tentou entrar em contato com outros artistas que aparecem na campanha, porém não obteve resposta até o momento.

Procurada pelo **UOL**, a Globo informa que "no vídeo, os artistas não fazem qualquer citação à empresa. Diversas personalidades expressam, cada uma, seus pensamentos como cidadãos diante de uma situação específica do País. A Globo não se manifesta publicamente sobre comentários pessoais de seus contratados".

Assista à versão do vídeo publicado nesta quinta pela TV Poeira, sem citar a Globo:

[Ler matéria completa](#)

<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/03/31/video-de-globais-contra-impeachment-chama-tv-de-corrupta-e-gera-saia-justa.htm>

MEU BRASIL BRASILEIRO: GRANDEZAS E MISÉRIAS

Da Casa Grande à Senzala



MAPA É TUDO - 19 de julho de 2014

Estados brasileiros nomeados como países de área similar



Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Energético

Salário Mínimo, MWh máximo - 6 de abril de 2016

<http://ilumina.org.br/salario-minimo-mwh-maximo/>

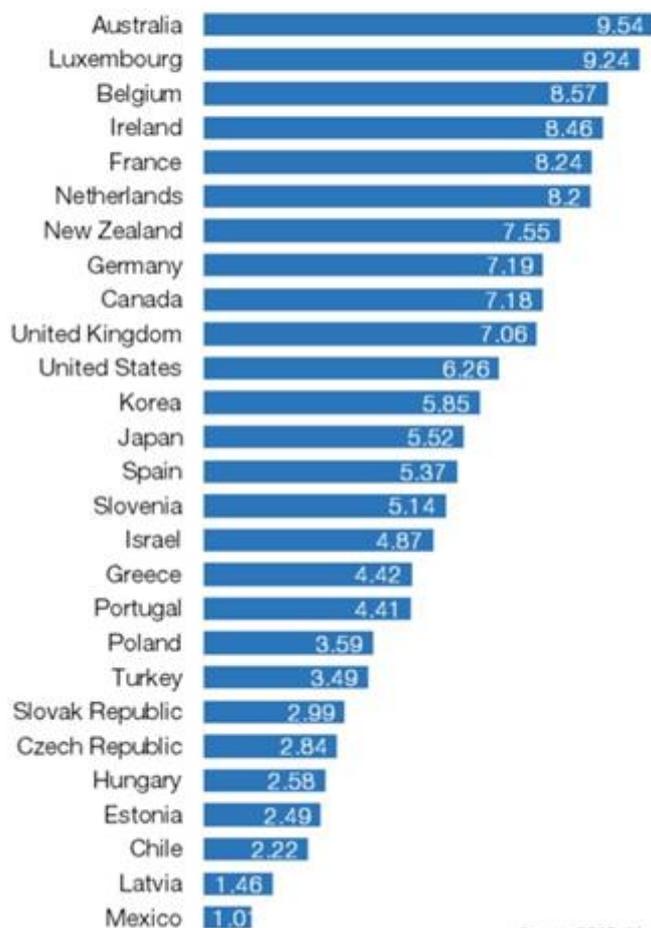
Continuando o exame do vexame brasileiro na energia elétrica já mostrado no link:

<http://ilumina.org.br/mais-um-vexame-brasileiro/>

Usamos uma base de dados consistente com a comparativa de preços residenciais em países da OCDE, fizemos uma simples conta utilizando o documento “Minimum wages around the world” que compara salários mínimos em US\$/hora sob o critério PPP (Purchase Power Parity).

Minimum wages around the world

SUSD per hour after taxes, at PPP



Source: OECD (2015)

Como o Brasil não faz parte da OCDE, utilizamos a estimativa citada no Wikipedia, também sob o critério PPP (2,12 US\$/hr).

Ao fazer essa análise, o vexame brasileiro é bastante ampliado, pois, comparado ao salário mínimo, **o Brasil é o país com a energia elétrica mais cara entre os países listados.**

Chamamos a atenção para a comparação entre Canadá e Brasil, países com semelhanças entre seus sistemas elétricos (grandes reservatórios e longas linhas de transmissão). **O brasileiro que ganha salário mínimo precisa trabalhar 111 horas para “comprar” 1 MWh. Um canadense que recebe salário mínimo só precisa trabalhar 16 horas.**

País	Tarifa residencial (US\$/MWh)	Salário Mínimo (US\$/hr) PPP	Número de Horas para pagar 1 MWh
Brasil contábil	321	2,12	151
Brasil com MP579	236	2,12	111
Mexico	90	1,00	90
Slovak	213	2,99	71
Chile	151	2,22	68
Portugal	291	4,41	66
Chzech Rep	174	2,84	61
Hungary	158	2,58	61
Germany	395	7,19	55
Poland	192	3,59	53
Greece	235	4,42	53
Turkey	169	3,49	48
Japan	253	5,52	46
Slovenia	212	5,14	41
United Kingdon	255	7,06	36
Ireland	305	9,36	33
New Zeland	236	7,55	31
Netherlands	252	8,20	31
Belgium	243	8,57	28
France	207	8,24	25
Luxembourg	218	9,24	24
United States	125	6,26	20
Korea	109	5,85	19
Canada (*)	112	7,18	16

Obs: Alguns países constantes da tabela comparativa de tarifas não estão presentes aqui porque não possuem salário mínimo oficial. (Noruega, Itália, Suécia, Finlândia, Suíça e Dinamarca).

Voltamos a salientar que as 111 horas se referem ao preço praticado sob a intervenção da MP 579. Nesse preço (US\$ 236/MWh), há a energia das usinas da Eletrobrás que vendem por menos de US\$ 10/MWh. A empresa acaba de amargar um prejuízo de R\$ 14 bilhões. Portanto, caso os preços intervencionistas não fossem destruidores de valor e continuássemos sem um diagnóstico que identifique as razões da explosão tarifária, quem ganha salário mínimo teria que trabalhar 151 horas para “comprar” 1 MWh.

INTÉRPRETES DO BRASIL



WWW.INTERPRETESDOBRASIL.ORG

"Enciclopédia de brasilidade - Cesar Benjamin

<http://www.contrapontoeditora.com.br/.../200711011651590.Cert...>

...

Nós, os brasileiros – Paulo Timm – Coletânea

[http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_\(2\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_(2).pdf)

**Sociologia brasileira: 11 seminários, entrevistas e documentários pra
você entender os maiores...**

De que é feita a sociologia brasileira? Qual seu tutano? Clique aqui e veja entrevistas, documentários e seminários sobre a sociologia do nosso país.

COLUNASTORTAS.WORDPRESS.COM

**O pensamento estratégico de Francisco Adolfo de Varnhagen, por Paulo
Roberto de Almeida**

A data de 17 de fevereiro de 2016 marca o ducentésimo aniversário do nascimento do...

MUNDORAMA.NET

**Sobre José Bonifácio, os “Pais Fundadores” dos EUA,
Joaquin Nabuco, Rui Barbosa e Adam Smith**

<https://marcosfernandeseconomicandpolitics.wordpress.com/2016/02/18/sobre-jose-bonifacio-os-pais-fundadores-dos-eua-joaquin-nabuco-rui-barbosa-e-adam-smith/>

José Bonifácio, Rui Barbosa, Nabuco e Adam Smith (Teoria dos sentimentos Morais) deveriam ser leituras obrigatórias nas escolas.

O Andrada é mais avançado que os pais fundadores dos EUA, incrível. Kenneth Maxwell publicou um [artigo](#) dele sobre o Brasil e sua

peculiaridade onde isso fica claro, mas Jorge Caldeira em seu [livro sobre JB](#) [deixa isso bem claro.](#)

TV CAMARA - Construtores do Brasil

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/49-CONSTRUTORES-DO-BRASIL.html>

O programa mostra a biografia de 25 personalidades que tiveram papel predominante na formação política, histórica e geográfica do Brasil.



CRÍTICA: Biografia expõe Caio Prado Júnior, historiador que explicou o país

Por que o Brasil é assim?

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

MÁXIMAS E MÍNIMAS

Um por todos , todos por um x Cada um por si, Deus por todos...

“Nesta aventura do sonho exposto à correnteza só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram”.

Cecília Meirelles , poetisa brasileira, sec. XX

IMAGENS REVOLUCIONÁRIAS

Nada tenho a dizer, só a mostrar – W.Benjamin

http://www.facebook.com/ImagensRevolucionarias?directed_target_id=0 -

[Adão Iturusgarai - Cartuns - http://www.amazon.com/dp/B019BAYNGQ](http://www.amazon.com/dp/B019BAYNGQ)



NAVEGAR É PRECISO: Pero cuide que no naufrague tu vivir...

MUNDO MUNDO, VASTO MUNDO...



Antigo mapa do mundo feito por Henricus Martellus, em 1491, que teria sido usado por Cristóvão Colombo

Autópsia de uma cobertura jornalística

– Os criminosos ficaram em liberdade e os media encobriram o crime por Media Lens

Na noite de 3 de outubro de 2015, um AC-130 Gunship da US Air Force atacou repetidamente um hospital dos Médicos Sem Fronteiras (MSF) em Kunduz, no Afeganistão.



Foram [mortas](#) 42 pessoas e

O que resta do hospital dos Médicos Sem Fronteiras em Kunduz, após o massacre perpetrado pela US Air Force.

dezenas ficaram feridas. O avião militar dos EUA efetuou cinco bombardeamentos durante mais de uma hora apesar dos [apelos dos MSF](#) aos funcionários afegãos, norte-americanos e da NATO para cancelar o ataque.

Conforme [noticiámos](#) na altura, os MSF foram [perentórios](#) na sua condenação do ataque norte-americano. O hospital foi "intencionalmente alvejado" num "massacre premeditado"; foi um "[crime de guerra](#)". A organização médica rejeitou as garantias dos EUA de três inquéritos feitos pelos EUA, pela NATO e pelo governo afegão. Os MSF exigiram uma investigação internacional independente. Não serviu de nada. Os EUA ignoraram o escândalo público e prosseguiram com os seus procedimentos de branqueamento habituais quando pratica crimes de guerra que são denunciados. O resultado foi anunciado a 18 de março. A BBC News [noticiou](#) :

"As forças militares dos EUA levantaram processos disciplinares a mais de uma dúzia de membros depois de um ataque aéreo a um hospital dos Médicos sem Fronteiras (MSF) no Afeganistão ter matado 42 pessoas, no ano passado.

"O Pentágono reconheceu que a clínica foi alvejada por engano, mas ninguém enfrentará acusações criminais".

De notar que nas palavras da BBC – "O Pentágono *reconheceu que a clínica foi alvejada por engano* – são uma expressão tendenciosa. A BBC não mencionou que os MSF tinham apresentado [fortes provas](#) de que a clínica foi "deliberadamente alvejada", de que o ataque foi um "[crime de guerra](#)" e de que havia necessidade urgente de um inquérito independente.

A BBC continuava:

"As sanções, que não foram tornadas públicas, foram sobretudo administrativas.

"Alguns receberam reprimendas formais, outros foram suspensos do serviço.

"Houve processos disciplinares para oficiais e para o pessoal mobilizado, mas nenhum general foi punido".

Os MSF disseram que não iriam fazer comentários enquanto o Pentágono não tornasse público o seu relatório. (Na altura deste artigo, isso ainda não

aconteceu).

Na manhã de 18 de março, reparámos que a notícia da BBC esteve, pelo menos durante algum tempo, ligada a partir da página principal do seu sítio web noticioso. Mas depressa foi retirada da sua posição importante e enterrada profundamente na secção das notícias internacionais. Isto não é invulgar, quando se noticiam os crimes do Ocidente, se é que são noticiados.

As nossas pesquisas subsequentes na Internet revelaram apenas quatro notícias moderadas de jornais, relativamente breves, na imprensa britânica de que o pessoal dos EUA tinha sido "punido" pelo bombardeamento de Kunduz: no [Independent](#), no [Daily Mail](#), no [Telegraph](#) e no [Guardian](#). O *Telegraph* noticiava que o Pentágono iria em breve "publicar uma versão do seu relatório sobre o ataque. Será redigido de forma a não ser classificado como material confidencial". Por outras palavras, tudo o que seja demasiado embaraçoso ou prejudicial para os interesses dos EUA.

Uns dias depois, a 23 de março, uma pequena notícia na página 34 do *The Times* tinha o título "Comandante norte-americano lamenta ataque ao hospital". A totalidade da peça, ao todo 61 palavras, era assim:

"O novo comandante das forças EUA-NATO no Afeganistão apresentou desculpas pelo ataque errado a um hospital em Kunduz no passado mês de outubro, que matou 42 pessoas. O general John Nicholson do exército dos EUA, foi à cidade do norte para se encontrar com familiares dos que morreram no hospital, dirigido pela organização Médicos Sem Fronteiras. Disse que o incidente fora uma "tragédia terrível".

Como sempre, as atrocidades do Ocidente são descritas como "tragédia", em vez de "crime de guerra". Nenhum outro jornal nacional do Reino Unido, tanto quanto pudemos ver, noticiou as "desculpas" do general Nicholson.

O [New York Times](#) fez melhor, e incluiu esta citação de Zabiullah Niazi, um enfermeiro que perdeu um olho, um dedo e o uso de uma mão, assim como sofreu outros ferimentos no ataque dos EUA:

"Atingiram-nos há seis meses e agora vêm pedir desculpas. O chefe do conselho provincial e outros funcionários que disseram que nós aceitamos as desculpas, não teriam dito isso, se tivessem perdido um filho e comido cinzas, como aconteceu connosco".

Segundo Mr. Niazi, o general Nicholson nem sequer apareceu numa reunião arranjada no gabinete do governador, com dois sobreviventes e membros das famílias das vítimas. Em vez disso, fez um discurso num auditório apinhado, em que os membros das famílias e os sobreviventes não tiveram possibilidade de falar. Como mais um sinal dos procedimentos profundamente encenados, a mulher do general apareceu para "dizer olá, num minuto, e exprimir a sua pena", disse Mr. Niazi. Passou mais tempo – cinco minutos – com mulheres sobreviventes e membros das famílias, numa sala em separado.

As "desculpas" do general também foram desdenhadas por um médico afegão cujo irmão, também médico, foi morto no ataque norte-americano. O Dr. Karim Bajaouri [disse](#) :

"Estão a pedir perdão por terem morto civis?! Estão apenas a pedir desculpas? Primeiro dispararam sobre civis e depois pedem desculpa. Pessoalmente, não preciso dessas desculpas, não as aceito. As nossas feridas morais não podem ser curadas dessa forma".

O *Guardian* fez recentemente uma referência de passagem a Kunduz num [artigo](#) de Simon Tisdall, editor assistente e colunista de assuntos externos. A peça focava o Afeganistão como uma questão de eleições na corrida presidencial nos EUA.

"O facto de que a mais memorável contribuição dos EUA para a batalha de Kunduz foi a destruição de um hospital dos Médicos Sem Fronteiras, com a perda de pelo menos 22 vidas, nenhuma delas de rebeldes, realçou como a missão dos EUA no Afeganistão se tornou infeliz e acidental".

(Estranhamente, o artigo de Tisdall foi inicialmente publicado em 15 de outubro de 2015, mas depois foi atualizado em 29 de março de 2016, presumivelmente para incluir a linha acima.

Mais uma vez, o jornalismo "liberal" colaborador destaca-se pela sua prontidão em rotular crimes de guerra como "infelizes" e "acidentais".

Na sequência da declaração do Pentágono sobre as "punições" para os criminosos de Kunduz, um [artigo](#) no sítio web da *Foreign Policy* assinalava:

"Os defensores dos direitos humanos denunciaram a decisão dos militares norte-americanos de não apresentarem queixas criminais contra as tropas".

Andrea Prasow, da Human Rights Watch disse ao *Foreign Policy*:

"É incrivelmente frustrante e desencorajador. Fizemos a nossa análise do caso e pensamos que devia haver uma investigação criminal".

Conforme Prasow observou, os militares norte-americanos "têm interesse em proteger os seus".

A Human Rights Watch [acrescentou](#) :

"Com toda a razão, os membros das famílias das vítimas verão isto como uma injustiça e um insulto: os militares dos EUA investigaram e decidiram que não tinha havido crimes".

A declaração continuava:

"A ausência de investigação criminal de funcionários seniores responsáveis pelo ataque não só é uma afronta às vidas perdidas no hospital dos MSF, mas um *golpe contra o estado de direito no Afeganistão e em toda a parte.*

Estes comentários contrastam profundamente com a branda indiferença da imprensa "liberal".

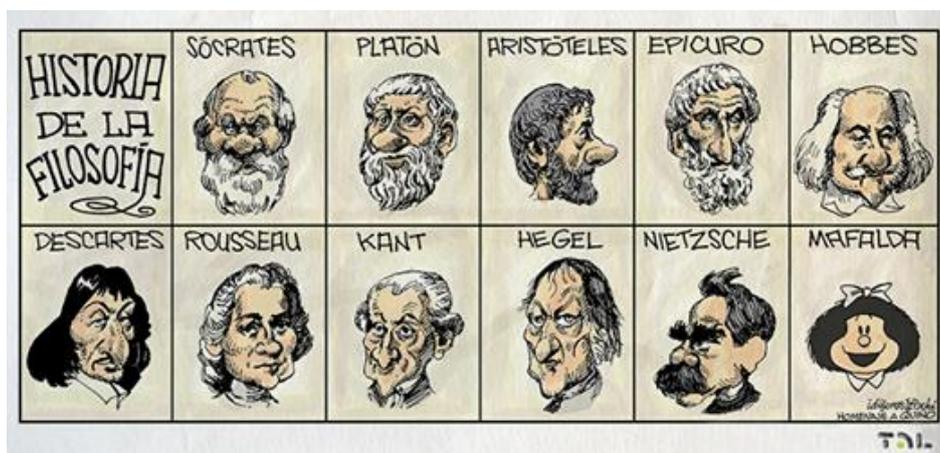
Em resumo, a reação à "punição" do Pentágono dos criminosos de Kunduz, na imprensa "dominante" foi tão instrutiva como de costume. Como habitualmente, *não encontramos um único editorial ou coluna que denuncie esta recente lavagem dos EUA de crimes dos EUA.*

Mais uma vez, é prática usual dos media ocidentais troçar dos Inimigos Oficiais, mantendo-se cegos aos crimes dos "nossos" Gloriosos Líderes.

O original encontra-se em [www.medialens.org/...](http://www.medialens.org/) . Tradução de Margarida Ferreira.

Wste artigo encontra-se em <http://resistir.info/> .

LIVRE PENSAR: Só de pensar



Filosofia em vídeo: <http://filosofiaemvideo.com.br/>

Mirando Temer: politicofobia vs. a chance de um sub ótimo

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1965>

Paulo Fábio Dantas Neto - Abril 2016

O chamado desembarque do PMDB do Governo Dilma pode ser analisado de vários ângulos. Escolho dois: o do significado da decisão para as relações do PMDB com o PT/Governo e o das repercussões que ela vem tendo, até aqui,

sobre a crise política e sobre a hipótese de abertura de um processo de impedimento da Presidente.

Sobre o primeiro ponto, penso que a decisão não foi ponto de partida, mas de chegada. É consequência de uma relação vivida a sobressaltos desde o primeiro governo Lula. Com a banalização do presidencialismo de coalizão o conflito de interesse entre os dois parceiros foi se avolumando, atingindo o ápice nesse segundo mandato de Dilma. Com ou sem crise política, era improvável o PMDB ir a mais uma eleição municipal cozinhando o litígio em fogo brando para não contrariar a aliança nacional patrocinada por Temer. É irônico o PT apontar o dedo em direção ao Vice, acusando de golpista quem foi, até fins de 2015, o principal fiador da frágil base do governo. Foi de graça? Óbvio que não! Houve vantagens e custos políticos para o partido do fiador. Retóricas à parte, não há vilão nem bandido, só agentes disputando poder em clima político instável e pesado.

Sobre o segundo ponto, a presumida intenção do PMDB de apressar o impeachment tem batido fofo.

Até aqui não há efeito dominó sobre a base do governo. Só subiu o preço de cooptação de siglas e deputados avulsos. Há efeitos bumerangue, vide o dissídio de Katia Abreu e o fisiologismo de outros ministros peemedebistas, com espaço ao jogo duplo de Renan Calheiros. Vejo duas razões relevantes para o gesto da saída aparentar, com respeito ao impeachment, um erro de cálculo.

Primeiro, um antiemedebismo endêmico beira o senso comum, na sociedade civil. Temores contra um eventual governo Temer refletem mais que terrorismo do governo, do PT e seus agentes em movimentos sociais. Formadores de opinião — nos meios jurídicos, jornalísticos, intelectuais e classe média universitária em geral, assim como entre trabalhadores e empresários — seguem jogando pedra na Geni. Após três décadas de democracia, o partido líder da transição que a pariu parece a gregos e troianos uma patologia democrática. A virtualidade de um governo Temer é fruto de golpe para quem vai às ruas de vermelho e conluio de corruptos para quem veste verde-amarelo.

A primeira percepção pode ser injusta e a segunda exagero, mas ambas têm sido eficazes para negar a essa hipotética saída a chance de nascer. E la nave va, rumo ao vácuo. De um lado, saídas “pela esquerda” miram um precipício populista; de outro, a visão de um paraíso virtuoso, vigiado pelo juiz Moro.

Há também restrições à solução Temer no âmbito de instituições de controle, inclusive na Operação Lava Jato e entre ministros do STF. Isso deveria bastar para tornar incrível a boataria de que o impeachment é via de golpe. Mas sobra teoria conspiratória e falta grande política, que o PMDB encarnou um dia

e hoje se perde nos desvãos da pequena política imperante, inclusive nesse partido.

Se Temer, o virtual, não se desgarrar dessa realidade e convencer a sociedade de que pode governar republicanamente, acima da guerra e do negócio, a saída do PMDB do Governo será vã para dar ao impeachment legitimidade democrática como ato inaugural de uma transição.

A segunda razão do gesto do PMDB estar batendo fofo para fins de impeachment é a insuficiência da argumentação usada para expor, na Câmara, a dimensão penal, imprescindível a que o processo seja constitucional. Os partidários do impeachment são, ao que se sabe, mais numerosos, mas até aqui não persuadem que pedaladas fiscais são delito bastante ao impedimento político da Presidente. Atacando por esse flanco, o governo reage com relativa eficácia. É do jogo.

Mas isso não dá à Presidente prerrogativa de decidir se há fato penal, antecipando-se ao Congresso e se arvorando a guardiã judiciária da Constituição. Ela não enfeixará os três poderes nem se Lula for ministro.

O velho viés personalista da política brasileira tem jogado contra a moderação pragmática de uma solução provisória e sub ótima da crise. Cabe, a quem quer democracia com república (e vice-versa), avançando gradativamente, interagir para incutir boas dúvidas em quem apoia, na boa-fé, uma das duas rotas atuais de negação da política. Interagir com argumentos, sem medo de ser veraz.

Paulo Fábio Dantas Neto é cientista político e professor da UFBA. Publicado no jornal A Tarde, em 03.04.2016.

ARS GRATIA ARS

“A arte salvará o mundo” – Dostoievski - eis que da natureza do homem, como a natureza é a arte de Deus (Baylei)

ARTES POÉTICAS: “Se nem for terra/Se trans for mar...” – P.Leminski

Morreu Gato Barbieri, um saxofone livre e latino

<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-o-saxofonista-gato-barbieri-1727962>

ALEXANDRA PRADO COELHO - 03/04/2016 - 11:28

O argentino compôs a música do filme *O Último Tango em Paris*. Tinha 83 anos.



Apesar de já ter problemas de saúde, Barbieri continuava a tocar todos os meses no Blue Note

Leandro "Gato" Barbieri, saxofonista argentino e compositor da música do filme *O Último Tango em Paris*, morreu no sábado aos 83 anos, anunciou no domingo o famoso clube de jazz nova-iorquino Blue Note através do Twitter.

"O Blue Note está profundamente triste pela morte do lendário saxofonista Gato Barbieri. A nossa relação com Gato recua até à sua estreia no Blue Note em Janeiro de 1985. Ele ajudou a estabelecer o clube nesses primeiros anos e tornou-se uma âncora em todos os locais do Blue Note espalhados pelo mundo nos últimos 30 anos [...]. Hoje perdemos um ícone, um pioneiro e um querido amigo."

Barbieri morreu de pneumonia num hospital em Nova Iorque, segundo o jornal *The New York Times*, que citava a AP, depois de recentemente ter sido submetido a uma cirurgia por causa de uma trombose.

O músico gravou mais de 35 álbuns numa carreira com 50 anos e ganhou um Grammy em 1973 para melhor composição instrumental com o seu trabalho para a banda sonora de *O Último Tango em Paris*, o filme de Bernardo Bertolucci com Marlon Brando e Maria Schneider, estreado em 1972.

Passou por Portugal em 1974 para tocar no Cascais Jazz e regressou anos mais tarde, em 2001, para um espectáculo no Tivoli. Nessa altura, segundo o crítico e divulgador de jazz António Curvelo, já estava longe do auge da sua carreira: “Foi muito importante na altura do free jazz, nas décadas de 60 e 70. Era uma época em que não havia músicos latino-americanos com peso e visibilidade e ele distinguiu-se.”

Para além de ter feito “uma série de discos francamente bons”, Curvelo recorda também o seu trabalho de adaptação de músicas populares tradicionais da América Latina. “Depois, a partir dos anos 80, teve um ocaso bastante grande, deixou de se falar dele e quando reaparece deixa uma discografia já irrelevante”. Muito conotado com o free jazz, quando este movimento começa a declinar, isso reflecte-se também em Barbieri, resume o crítico.

O saxofonista Carlos Martins tem uma memória completamente diferente do concerto no Tivoli. “Lembro-me de achar aquilo espampanante, muito bonito, mais forte do que nunca.” Declara-se um admirador do som “electrizante, lembrando o grito, demasiado brilhante, absolutamente fabuloso” de Barbieri e da forma como ele “junta um som jazz quase negro do free jazz com todo o lado latino”.

Mas há uma ligação muito mais próxima – e inesperada – entre Carlos Martins e Gato Barbieri. “Tenho gravado os meus últimos álbuns com o saxofone do Gato”, revela o músico português. A história passa por uma aldeia perto de Évora e por um projecto comunitário no qual, há alguns anos, Carlos Martins se viu envolvido. “O psiquiatra Alberto Magalhães vive nessa aldeia, a certa altura fui visitá-lo e ele mostrou-me um saxofone que tinha. ‘Sabes que era do Gato Barbieri?’, perguntou-me.” Carlos Martins ficou espantadíssimo. Como é que o saxofone do Gato fora parar ali?

É preciso recuar até 1974 e ao tal concerto no Cascais Jazz, após o qual o músico argentino passou uns dias em casa de outro amigo de Alberto Magalhães, conhecido pelas festas que organizava. No fim, Gato deixou o saxofone e partiu – se tencionava recuperá-lo ou se o deixou como paga pela forma como foi recebido, Carlos Martins, a quem Alberto Magalhães o confiou, não sabe responder. O que sabe é que “os saxofones de alguma forma fazem as pessoas” e, embora tenha um som muito diferente do do músico argentino, tem “muito orgulho” em usar um instrumento “que foi tocado de forma absolutamente apaixonada pelo Gato”.

Nascido a 28 de Novembro de 1932 na Argentina, Barbieri tornou-se conhecido como “Gato” na década de 50 devido à forma como saltava de clube em clube em Buenos Aires, acompanhado pelo seu saxofone, para tocar, conta o *The New York Times*.

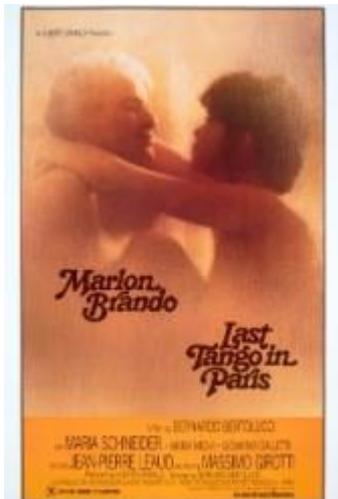
O *El País* descreve o seu estilo como “torrencial e quente” e lembra que ele “era considerado um dos grandes saxofonistas contemporâneos e, para muitos, o segundo músico argentino que maior impacto teve no jazz moderno, depois de Lalo Schifrin, em cuja orquestra tocou.”

Apesar de ter nascido numa família com vários músicos, o seu interesse pela música só começou quando tinha 12 anos, conta o diário espanhol. Foi quando ouviu pela primeira vez *Now's the Time*, de Charlie Parker. Começou por tocar clarinete e só aos 18 anos, quando se mudou para Buenos Aires, deixando a cidade de Rosario, onde nascera, é que se dedicou ao saxofone.

OUVIR AS MÚSICAS DO FILME ÚLTIMO TANGO EM PARIS -TRILHA SONORA

<http://musicasdenovela.com/ouvir-as-musicas-do-filme-ultimo-tango-em-paris/>

01 Last Tango in Paris –



O Filme Último Tango em Paris foi dirigido pelo diretor Bernardo Bertolucci

Alguns dos atores principais são Marlon Brando, Maria Schneider, Maria Michi, Giovanna Galletti

No Brasil o filme Último Tango em Paris estreou nos cinemas em 7 de Fevereiro de 1973

O Orçamento do filme Último Tango em Paris foi de \$1.250.000

Ouça as músicas do filme Último Tango em Paris logo abaixo:

VIDEO

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/SAMUELBECKETTPAGE/VIDEOS/10152062297363131/?THEATER](https://www.facebook.com/SAMUELBECKETTPAGE/VIDEOS/10152062297363131/?THEATER)



Christian Lohbauer (Partido NOVO) defende um novo modelo político e menos intervenção do Estado

Se o Brasil quiser voltar a ter um ciclo virtuoso,...

YOUTUBE.COM

CINEMA

<http://www.adorocinema.com> - <http://cadernodecinema.com.br>

<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/83074/kill-bill-volume-2-2004-83074/>

<http://www.museudocinema.com.br/>

<http://www.devotudoaocinema.com.br/2013/08/de-olhos-bem-fechados.html>

<http://www.cinemateca.gov.br/>

Benedito Tadeu César, Benicio Schmidt e outras 5 pessoas curtiram A Casa de Vidro.

A Casa de Vidro

Lançado há 40 anos, o filme "Network - Rede de Intrigas" (1976), de Sidney Lumet, ainda é de impressionante atualidade

Saiba mais @ A Casa de Vidro: <http://wp.me/pNVMz-2Q2>

O artigo busca estabelecer analogias entre "Network" e o romance distópico sci-fi "1984", de George Orwell, livro que consagrou a noção do "Grande Irmão" (Big Brother) e colocou a mídia-de-massas como elemento central na decifração do fenômeno histórico sangrento do totalitarismo político.

Siga viagem: <http://wp.me/pNVMz-2Q2> || Siga no Twitter: <https://twitter.com/acasadevidro> ||

Lançado há 40 anos, o filme de Sidney Lumet "Network" ainda é de impressionante atualidade

Eu diria que há filmes-bumerangue: você pode até lançá-los com força pra longe, mas eles voam de volta e impõem sua presença. Muitos filmes já foram feitos...

ACASADEVIDRO.COM



29/03/2016 ACASADEVIDRO.COM

#CinephiliaCompulsiva: “Network” (de Sidney Lumet, 1976) – por Eduardo Carli de Moraes

<http://acasadevidro.com/2016/03/29/cinephiliacompulsiva-network-de-sidney-lumet-1976-por-eduardo-carli-de-moraes/>

**Prepare yourself
for a perfectly outrageous
motion picture.**

**Television
will never be the same**

NETWORK



METRO-GOLDWYN-MAYER presents

FAYE DUNAWAY WILLIAM HOLDEN PETER FINCH ROBERT DUVAL in

NETWORK

By
PADDY CHAYEFSKY

Directed by
SIDNEY LUMET

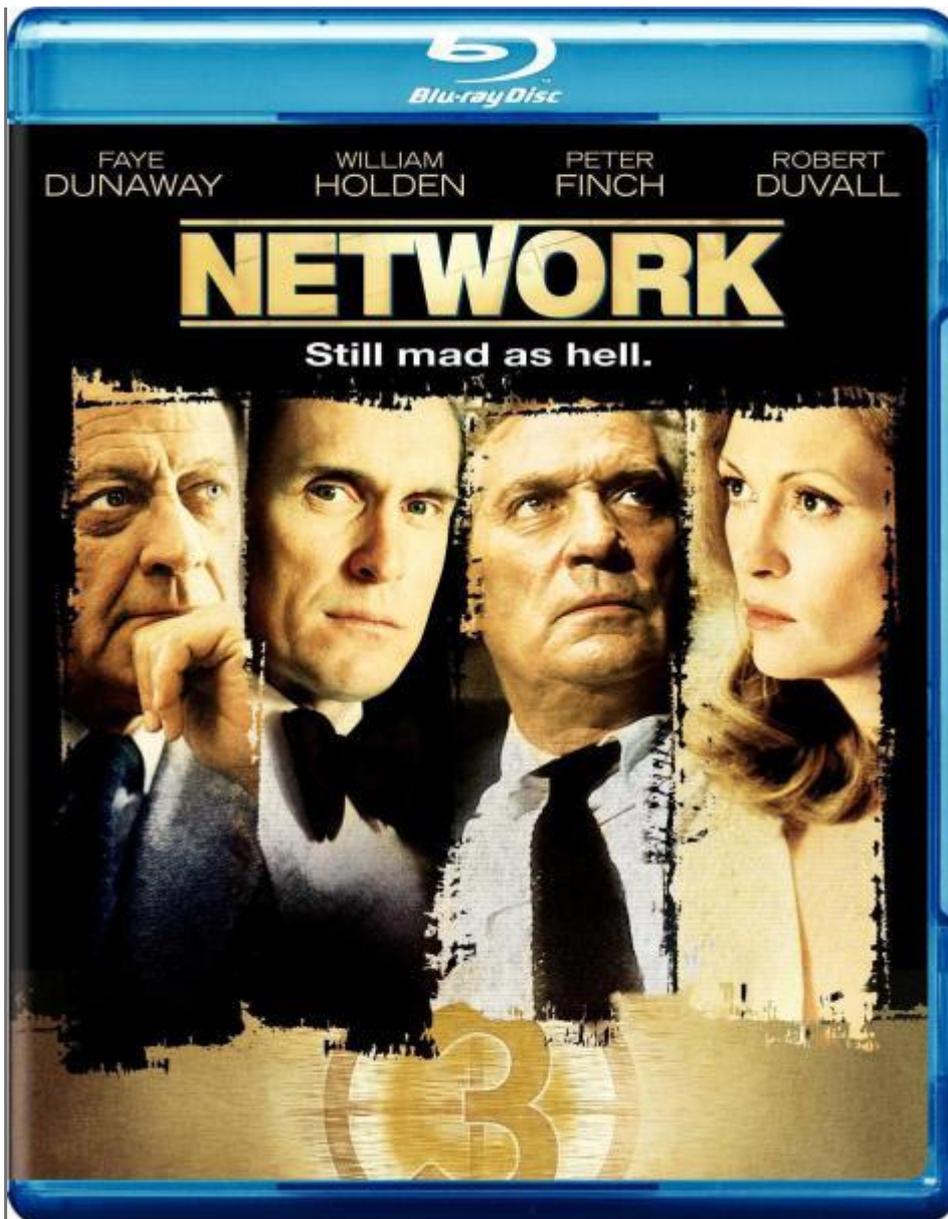
Produced by
HOWARD GOTTFRIED

CAOS NOS TELEPÚPITOS DA PLUTOCRACIA
Um (hiper)texto da série #CinephiliaCompulsiva

por Eduardo Carli de Moraes

Eu diria que há *filmes-bumerangue*: você pode até lançá-los com força pra longe, mas eles voam de volta e impõem sua presença. Muitos filmes já foram feitos sobre o tema da mídia-de-massas e da indústria cultural nos EUA – no Olimpo deste cinéfilo estão *A Montanha dos Sete Abutres e Crepúsculo dos Deuses* (de Billy Wilder), *Todos os Homens do Presidente* (Alan J. Pakula), *O Jogador* (de Robert Altman), *Barton Fink* (dos irmãos Coen), *O Show de Truman* (de Peter Weir), *Cidade dos Sonhos* (de David Lynch), *Nightcrawler* (de Dan Gilroy), dentre outros – porém talvez não haja nenhum mais impactante, mais furibundo, mais arrebatador que *Network* (1976), um *magnum opus* na filmografia do Sidney Lumet.

Sua relevância bumeranguica impõe-se no presente apesar dos 40 anos já transcorridos desde seu lançamento. Como lê-se na capa do BluRay que ajuda a re-consagrá-lo junto à nova geração, *Network* – cognome no Brasil: *Rede de Intrigas* – ainda é um filme louco e endiabrado (*still mad as hell*).



Este filme, além de formidável obra de arte, é uma intervenção no debate público, uma provocação sociológica, uma sátira mordaz da Sociedade do Espetáculo (teorizada por Debords e McLuhans). Lumet revela, na prática, o *potencial* da chamada “sétima arte” para transcender a oposição entre *entertainment* vs *grande arte*, já que cria um filme que vai muito além de ser um mero objeto estético, sendo também uma espécie de *dispositivo de reflexão sobre a sociedade*, fornecendo uma espécie de *análise civilizacional de conjuntura*.

O que Adorno e Horkheimer fizeram através de livros como *A Dialética do Esclarecimento*, que contêm duras críticas à Indústria Cultural capitalista, Sidney Lumet realiza no âmbito cinematográfico, criando um filme quintessencial como objeto de estudos multidisciplinar: os historiadores e os sociólogos, os filósofos e os antropólogos, os que estudam comunicação social

e ciências da informação, tem muito *alimento-pro-pensamento* (*food for thought*) na saga de Howard Beale, protagonista de *Network*.



Beale foi interpretado por Peter Finch, vencedor do Oscar de melhor ator por este papel. Curiosidade: o ator não viveu para pôr mãos em sua estatueta dourada: “o prêmio para Peter foi póstumo já que o ator morreu vítima de um ataque cardíaco, um mês antes da festa de entrega do Oscar.” (Wiki) Para muitos cinéfilos, o auge da carreira artística de Peter Finch foi mesmo sua memorável encarnação de Howard Beale, apresentador de telejornal, já calejado neste *métier* e beirando a aposentadoria, que vê seu lobo despencar feito um elevador em queda-livre.

Beale, deprimido, pensa no suicídio, e nestes fundos-de-poço desperta um *eureka!*: “vou me suicidar na frente das câmeras, ao vivo!” Matar-se em algum quatinho trancado, na obscuridade e no anonimato, não lhe anima: a morte sem fama não lhe motiva, ele quer algum *suicídio espetaculoso*, algo de bombástico, que dê o que falar.

O plano pode parecer mirabolante e inverossímil – onde já se viu um âncora de TV dar um tiro no cérebro em pleno jornal nacional? – mas aconteceu de fato, em 1974, dois anos antes de *Network* vir à luz: na Florida (EUA), a jornalista Christine Chubbuck, aos 29 anos de idade, do Canal 40, deu um tiro na sua própria nuca, *ao vivo na telinha*. Foi o primeiro suicídio-televisado na história da TV nos EUA e o caso voltou recentemente à tona por dois filmes que lhe foram devotados (um ficção, outro documentário):



Christine Chubbuck: 29,
Good-Looking, Educated.
A Television Personality.
Dead, Live and in Color.

By Sally Quinn

SARASOTA, Fla.—Christine Chubbuck flicked her long dark hair back away from her face, swallowed, twitched her lips only slightly and reached with her left hand to turn the next page of her script. Looking down on the anchor desk she began to read: "In keeping with Channel 40's policy of bringing you the latest in"—she looked up from the script, directly into the camera and smiled a tentative smile. Her voice took on a sarcastic tone as she emphasized "blood and guts . . . and in living color." She looked back down at her script, her left hand shook almost unnoticeably.

Her right arm stiffened. "We bring you another first." Her voice was steady. She looked up again into the camera. Her eyes were dark, direct and challenging. "An attempted suicide." Her right hand came up from under the anchor desk. In it was a .38 caliber revolver. She pointed it at the lower back of her head and pulled the trigger. A loud crack was heard. A puff of smoke blew out from the gun and her hair flew up around her face as though a sudden gust of wind had caught it. Her face took on a fierce, contorted look, her mouth wrenched downward, her head shook. Then her body fell forward with a resounding thud against the anchor desk and slowly slipped out of sight.

Hours later at the hospital, shortly before Christine Chubbuck died, her mother was interviewed by a local reporter.

"She was terribly, terribly, terribly depressed. She had a job that she loved. She said constantly that if it ended tomorrow she would still be glad she had had it. But she had nothing else in her social life.

"No close friends, no romantic attachments or prospects of any. She was a spinster at 29 and it bothered her. She couldn't register with people. That's the main thing. She was very sensitive and she tried and she would

Uma imagem perturbadora foi ao ar, ao vivo, nas TVs de Sarasota, Flórida (EUA), na manhã de 15 de julho de 1974. "Para dar continuidade à política do Canal 40 de trazer a vocês as últimas notícias sobre sangue e miolos, vocês verão outro primor: uma tentativa de suicídio". A jornalista de 29 anos Christine Chubbuck pronunciou essas palavras ao vivo durante seu programa dominical, para então disparar um tiro atrás da orelha. Ela morreu horas depois em um hospital local. O primeiro suicídio ao vivo da TV americana gerou comoção nacional. Quarenta anos depois, a história trágica de Chubbuck volta à tela com o filme *Christine*, protagonizado pela atriz inglesa Rebecca Hall, e do documentário *Kate Plays Christine*, ambos inspirados no perfil psicológico da jornalista. – BBC BRASIL – 29/01/2016 (Saiba mais: Indepedent – La Prensa)

On-Air Shot Kills TV Personality

By JON DRETZ
Herald-Tribune Reporter
Telling her viewers they were about to see a first, local television personality Christine Chubbuck raised a revolver and shot herself in the head during her talk show Monday morning. She died at 11:15 p.m. It apparently was the first time a suicide has been telecast.
The shooting occurred about three-fourths of the way

through the five-minute news broadcast that prefaced the 20-year-old Miss Chubbuck's daily "Sunset Digest" program at 9:30 a.m. Monday. Viewers were stunned. They began calling almost immediately, trying to find out what had happened.

Miss Chubbuck slumped forward and struck her head on her desk, then fell to the

floor. Immediately the cameras went to black and then resumed telecasting a public service broadcast.

It was the first day of a new format for the Channel 40 half-hour show and involved Miss Chubbuck reading the news before interviewing local personalities.

Personnel at the station said Miss Chubbuck had just

told viewers they were about to see a newsclip concerning a workday holiday in Tucson.

But mechanical problems prevented the showing of the film, and camera-woman Stacy Taylor cut back to Miss Chubbuck, who looked into the lens and said, "In keeping with Channel 40's policy of bringing you the latest in blood and guts and in living

color, you are going to see another first — an attempted suicide."

The station's news director, Michael Summers, said Miss Chubbuck drew the .38-caliber Smith and Wesson from a shopping bag from behind her desk. She shot herself behind the right ear. The bullet exited from the left side of her

Index

Bridge	7B
Classified	6-16C
Comics	6B
Crossword	7B
Editorials	6-7A
Financial	9-13A
Horoscope	6B
Investors Guide	13A
Movie Log	4C
Obituaries	4A
Sports	1-3C
Sylvia Porter	13A
TV Programs	7B
Earl Wilson	4C
Women's News	4-5B

GUARANTEED DELIVERY
If your Herald-Tribune does not arrive, please call 410 between 8:30 a.m. and 10:30 a.m., and a paper will be sent. Santa County subscribers should call 461-5751 and Maricopa subscribers call 366-3177.

Tragic TV Drama Unfolds Before Unbelieving Eyes

Editor's Note: Herald-Tribune reporter Valerie Rubin was having her morning coffee Monday and watching Channel 40's Chris Chubbuck when the newscaster raised a pistol to her head and pulled the trigger. In the following story, Mrs. Rubin describes her reactions.

By VALERIE RUBIN
Herald-Tribune Reporter

"Blood and guts . . ." she said, an incredibly censored phrase from a newscaster. I thought, " . . . in living color . . . another first . . . as attempted suicide."
"What's she talking about?" I asked my husband. Or perhaps I never got the words

out. In the time it took to think or speak the question, Chris pulled her right hand up from behind the desk, put a pistol to her head and pulled the trigger.

A cup gun, I was sure. That was the sound it made, a medium-head crack.
Her very long dark hair flew away from the right side of her head and she fell forward — so violently, I was sure she'd hurt herself in whatever game it was she was playing.

I have no impression of the look on her face while she spoke those last words. I do recall that her demeanor did not seem to change during the two minutes or so that I watched. And she had just covered for a film crew fluff when that bar-room news strip did not run.

I assume that is why I wrote the incident.
(Continued On Page 6A, Col. 1)



Christine Chubbuck
... dies of gunshot

A radicalidade do ato de Christine Chubbuck é explícita: ela chegou até mesmo a satirizar seu suicídio ao declará-lo como "algo ao gosto do patrão", já que o dono da cadeia de TV adorava pôr no ar "sangue e entranhas". Essa radicalidade é algo que também marca o caráter de Howard Beale no filme de Lumet: uma espécie de *crise nervosa* (*nervous breakdown*) conduz Beale a uma série de *rupturas* com o comportamento costumeiro de um jornalista.



"I'm mad as hell and I'm not gonna take this anymore!"

A máscara de neutralidade escorrega de sua face. Os bons-modos de engravatado ordeiro entram em *tilt*. Sua raiva, seu desespero, sua angústia, extravasam de seus limites e ele perde a polidez: começa a ser, na TV, um praticante da *catarse*, pública e televisionada.

E bem sabemos — por exemplo desde o movimento *punk* e até a explosão *grunge* capitaneada por Kurt Cobain — que a *catharsis* nos *mass*

media pode ser *pop*. Pode ser uma bomba no Ibope. O *convite à catarse* é amplamente respondido pelo público de Beale: na cidade começam a pulular os berros de cidadãos que, instigados por Beale na TV, gritam janelas afora, para o bairro inteiro ouvir, o bordão: “I’M MAD AS HEIL AND I’M NOT GONNA TAKE IT ANYMORE!”

Beale, muito antes de *Fight Club*, já foi uma espécie de Tyler Durden, cometendo na TV algumas *punkices* (apesar da idade avançada...). Eu não me surpreenderia se descobrisse que a canção do Hüsker Dü, “Turn On The News” (*Zen Arcade*, 1984), teve alguma influência *darage* que manifesta Beale em *Network* – o *pathos* é bem parecido...

“I hear it every day on the radio:
Somebody shoots a guy he don’t even know,
Airplanes falling out of the sky,
A baby is born and another one dies,
Highways fill with refugees,
Doctors finding out about disease,
With all this uptight pushing and shoving,
That keeps us away from who we’re loving...
So turn on, turn on, turn on... the news!”

HÜSKER DÜ



A diretora de programação da UBS, em *Network*, vivida por Faye Dunaway (que também venceu o Oscar por este papel), logo percebe *opotencial* daqueles *surtos catárticos* que fizeram a audiência subir tão significativamente. Os setores mais conservadores logo se mobilizam para demitir Beale, calá-lo como quem amordaça um louco perigoso, mas ela não: ela defende que na TV haja mais *contra-cultura*, mais

conteúdos *anti-establishment*, e inaugura inclusive o programa *A Hora de Mao Tsé-Tung*, onde pretende documentar as atividades de guerrilhas armadas e coletivos revolucionários (nos moldes do Weather Underground) nos EUA.

Em uma era de tensões sociais exacerbadas no país, que vivia em 1975 o vigésimo e derradeiro ano da Guerra do Vietnã (1955-1975), está representada em *Network* a emergência de movimentos sociais fortes, que a mídia corporativa não pode ignorar e omitir, com destaque para o poderio dos negros afrodescendentes que organizaram partidos (como o Black Panther Party – Panteras Negras) e que guiam-se pelas cartilhas de líderes como Malcolm X ou Martin Luther King. Só uma mídia *renovada* podia dar conta de narrar a contento tempos históricos tão conturbados.

Howard Beale é como um cão raivoso que escapa da coleira. Se ele se torna um *hit* da TV, com audiências estratosféricas, é pois *articula a raiva* dos telespectadores (*“articulate the anger”*, aliás, é uma expressão recorrente no filme). O que predomina na fala de Beale, em termos afetivos, é um ódio que tem algo de clarividente. Uma revolta que em seu transe de fúria consegue enxergar mais claramente seus adversários, descrevendo-os aos brados como um profeta bíblico que prega na montanha, disparando imprecções. O brilhante roteiro de Paddy Chayefsky – vencedor do Oscar – insiste no caráter quase *religioso* ou *místico* da experiência de Beale diante das câmeras: ele é descrito como *“mad as Moses”*, ou “doido como Moisés”.

Não quero com isso desqualificar o discurso do personagem como os delírios de um lunático que não merece ser ouvido, muito pelo contrário: o verbo-em-chama que a língua-em-fogo de Beale lança pela goela afora é um verdadeiro tratado de sociologia. É também um testemunho histórico de uma momento de crise nos EUA:

Os países árabes e sua organização petrolífera OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) ameaçam com uma alta nos preços dos combustíveis fósseis conhecidos como “ouro negro”; o país ainda vive a ressaca do “caso Watergate”, que havia culminado com o processo de impeachment contra Nixon e sua posterior renúncia; a sanguinolência no Vietnã e no Camboja ainda era ferida recente (sem falta de soldados estropiados); tanto o Black Power quanto as primeiras manifestações do movimento Hip Hop demonstram o poderio da contracultura conectada ao Atlântico Negro (Cf. Paul Gilroy); e é neste contexto que Beale destilará sua retórica enfurecida – mas autêntica e catártica – em discursos que viraram clássicos da história do cinema:



Beale: I don't have to tell you things are bad. Everybody knows things are bad. It's a depression. Everybody's out of work or scared of losing their job. The dollar buys a nickel's worth; banks are going bust; shopkeepers keep a gun under the counter; punks are running wild in the street, and there's nobody anywhere who seems to know what to do, and there's no end to it.

We know the air is unfit to breathe and our food is unfit to eat. And we sit watching our TVs while some local newscaster tells us that today we had 15 homicides and 63 violent crimes, as if that's the way it's supposed to be!

We all know things are bad – worse than bad – they're crazy.

It's like everything everywhere is going crazy, so we don't go out any more. We sit in the house, and slowly the world we're living in is getting smaller, and all we say is, "Please, at least leave us alone in our living rooms. Let me have my toaster and my TV and my steel-belted radials, and I won't say anything. Just leave us alone."

Well, I'm not going to leave you alone.

I want you to get mad!

I don't want you to protest. I don't want you to riot. I don't want you to write to your Congressman, because I wouldn't know what to tell you to write. I don't know what to do about the depression and the inflation and the Russians and the crime in the street.

All I know is that first you've got to get mad.

You've gotta say, "I'm a human being, goddammit! My life has value!"

So, I want you to get up now. I want all of you to get up out of your chairs. I want you to get up right now and go to the window, open it, and stick your head out and yell:

"- I'm as mad as hell, and I'm not going to take this anymore!"

Ao invés do demagogo cheio de promessas de um futuro lindo e promissor, Beale explicita sua postura: a de alguém que não vai mentir, não vai dourar a pílula, não vai fingir que está tudo bem. Enumera os componentes da crise: depressão econômica e quebradeira de bancos; violência urbana e ondas de assaltos; *punks* selvagens pelas ruas; poluição atmosférica e comida contaminada; tragédias que viram estatísticas: 15 homicídios diários, em média, além de 63 outros crimes violentos, todos os dias... Como se isso fosse normal! Diante de tal cenário distópico, como deveria agir a mídia de massas? Deve apenas oferecer entretenimento *kitsch* e inofensivo, transformando-se numa máquina de matar o tempo, um tubo anti-tédio?

Beale não acredita na limitação da TV nem ao *entertainment*, nem ao jornalismo neutro e imparcial. Um pouco de seu *pathos* remete a mestres da comédia nos EUA, como Lenny Bruce (vivido no cinema por Dustin Hoffmann em filme de Bob Fosse em 1974) e George Carlin. Os discursos de Beale rasgam o véu do "politicamente correto" e ele fala na TV como se estivesse em comício. Mais que isso: ele torna-se um líder-de-massas, que conclama seus milhões de espectadores a *agir* ("mandem telegramas aos montes para a Casa Branca! Quero ver o presidente atolado até os joelhos em telegramas!"), inclusive chegando ao extremo – imperdoável, segundo os magnatas da indústria – de implorar: "desliguem essas TVs! Esses tubos estão estupidificando vocês!"



Nada mais excêntrico do que um apelo televisionado ao boicote-em-massa à televisão... Beale vai tomar um esporro daqueles do magnata da indústria, que em cena memorável dá uma preleção sobre o capitalismo neoliberal pós-moderno como alguém que entra em transe com as idéias de Friedrich Hayek (1899-1992) e Ludwig Von Mises (1881-1973). O filme de Lumet pode até

parecer *visionário* ao prever a proeminência tremenda que ganharia o neoliberalismo nos anos 1980, com Margareth Thatcher e Ronald Reagan nas presidências do mundo anglo-saxão e tendo como ideólogos figuras como Milton Friedman e Ayn Rand. Mas o fato é que a doutrina neoliberal já estava fazendo tremendos estragos na América Latina, em especial no Brasil depois do golpe de Estado de 1964 e no Chile após o *coup* Pinochetista-Yankee de 11 de Setembro de 1973. O apóstolo da distopia neoliberal – concretizada! – é outra das atrações impagáveis de *Network*:

Network mostra-nos o punho autoritário dos poderes neoliberais, sua vociferante retórica em favor da liberdade dos capitais para circularem à vontade e para acumularem em poucas mãos (se assim decretar a Mão Invisível do Mercado), contraste com Beale, acanhado e um tanto aterrorizado, como uma espécie de formiga diante de um elefante desprovido de misericórdias por coisas pequenas e dispensáveis como... jornalistas. Beale, assim que voltar ao telepúlpito, será uma formiga em levante, um rebelado contra o Grande Irmão. O vociferante Beale, apesar de sua capacidade de “mobilizar” platéias, não deixa de ser, na hierarquia da instituição plutocrática-fascista em que trabalha, é visto como uma espécie de inseto, à la Gregor Samsa, que os poderes palacianos preparam sem pudor.

Se Beale começa o fim com um plano-de-suicídio, termina o filme sendo alvo de uma conspiração de assassinato: de todo modo, a profecia se cumpre. Beale, personagem fictício, junta-se à jornalista da vida real Christine Chubbuck – ambos são “mortes transmitidas ao vivo”. Ambas mortes protestam, com a bandeira de seu sangue derramado, contra os *mass media* que embrutecem e emburrecem o público com besteiro e edulcorações, que praticam o jornalismo sensacionalista *trash* do “espreme que sai sangue”. Beale é uma espécie de *hacker* do sistema, que diz na TV o que seria, em circunstâncias normais, totalmente censurado e proibido. Um âncora de TV que faça o papel que tem nos jornais o *ombudsman*, que dedique-se a uma auto-reflexão crítica sobre sua prática profissional, que compartilhe com o público uma *análise do poder alienante* da televisão, como faz Beale, está de fato condená-lo a ser silenciado com violência pelos poderes dominantes.

Após fustigar a platéia com estatísticas que mostram que apenas 3% dos norte-americanos lêem livros e apenas 15% lêem jornais, ele procura fazer seus telespectadores despertarem de uma espécie de *narcose*, induzida pelo “tubo”: “a única verdade que vocês sabem sai dessa caixa preta! Agora mesmo, há uma geração inteira que nunca soube nada que não saiu desse tubo! Esse tubo é o evangelho, a revelação derradeira! Esse tubo pode construir ou destruir presidentes, papas, primeiros-ministros! Esse tubo é a mais aterradora força em todo este mundo-sem-deus! E pobres de nós se esse poder cair nas mãos das pessoas erradas!”

A concentração do poderio *mass-mediático* nas mãos de poucas corporações – que marca não só a realidade dos EUA, mas é agudíssima também no Brasil, país apelidado pela ONG Repórteres Sem Fronteiras de A Nação dos 30 Berlusconi – é outro alvo de Beale. Os mega-conglomerados que dominam a economia globalizada sob o domínio do capitalismo neoliberal – sistema finamente criticada por documentários como *The Corporation* – perdem a conexão com o ideal originário que anima a profissão do jornalismo, a busca pela verdade factual e sua honesta comunicação à opinião pública, tendo como *télos* a tomada bem-informada e lúcida de decisões pertinentes ao bem comum, ao público, ao coletivo.



O caráter *distópico* de *Network* pode até estar latente, não tão explícito quanto em *Matrix*, mas o retrato de uma humanidade “presa” às ilusões de uma Neo-Caverna platônica, desta vez televisiva, marca forte presença: a TV em *Network* já é um protótipo de *Matrix*. O cinema revisitaria o tema em obras como *O Show de Truman* – que já esmiucei em outro artigo do projeto Cinephilia Compulsiva – ou na animação *Wall-E*, que retrata o que sobrou da Humanidade, após a poluição da biosfera terrestre, a perambular, no interior de uma estação espacial, em poltronas móveis, onde obesos bebedores compulsivos de refrigerantes nada fazem na vida senão ficarem de olhos grudados na telinha imbecilizante onde tudo é *marketing infinito*...

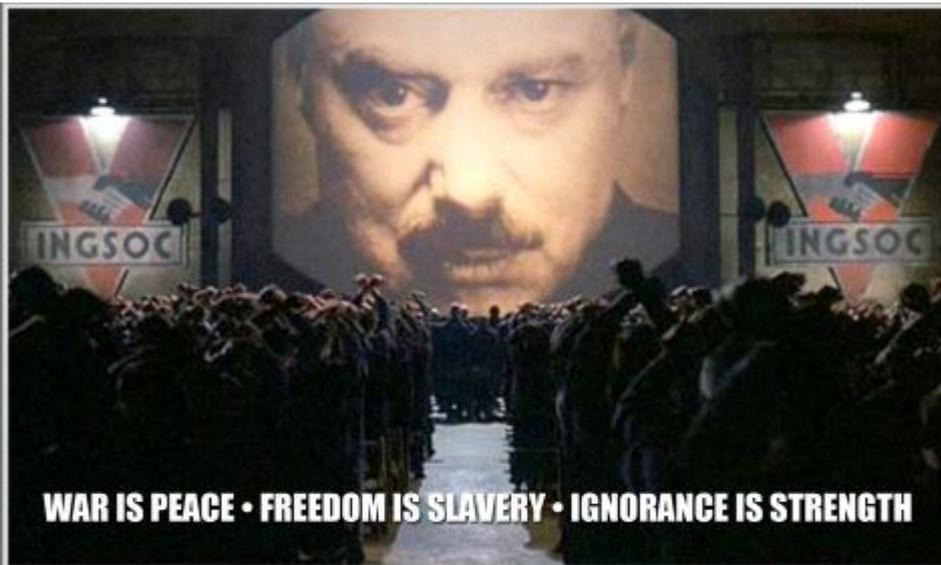
Network é de uma contundência que não perdeu sua força pois denuncia as *mentiras interesseiras* que os patrões da mídia contam através daquilo que Beale chama de “a mais fantástica força de propaganda em todo este mundo-sem-deus!” Como um enfurecido des-mistificador, esbraveja: “a televisão não é a verdade! É um maldito parque-de-diversões! Televisão é um circo, um carnaval, um bando de acrobatas, cheia de contadores de lorotas, de dançarinos e malabaristas, de *side-show freaks*, domadores-de-leões e jogadores de futebol. Estamos no negócio de matar o tédio (*the boredom-killing business*). Caras, vocês nunca vão ganhar nenhuma verdade de nós! Nós vamos te dizer o que você quer ouvir. Nós mentimos como o diabo. Nós te dizemos que o detetive sempre pega o assassino. E ninguém nunca pega

câncer na novela das 5. E não importa em que encrencas o herói tenha se metido, não se preocupe, ao fim de uma hora – cheque seu relógio! – ele vai vencer. Nós te contaremos qualquer merda que você quiser ouvir! Nós vendemos ilusões...”

É o cinema, magistralmente manejado por Sidney Lumet, servindo à revelação de verdades sobre o mundo social, muitas delas também trazidas à tona pela obra de grandes intelectuais do século XX, como Noam Chomsky e Pierre Bourdieu. O discurso de Beale pretende *despertar os zumbis*, para que parem de ser papagaios do que a TV diz, para que parem de vestir-se como manda a propaganda e de comprar nos mercados o que o Tubo mandou comprar. Clama por autonomia de pensamento, auto-determinação, capacidade crítica – e nada disso é do interesse das mega-corporações. Beale está em rota de colisão com o sistema. O tope não tolerará esse rebelde em transe que ousa proclamar verdades inconvenientes no tele-púlpito. É preciso calá-lo por quaisquer meios.

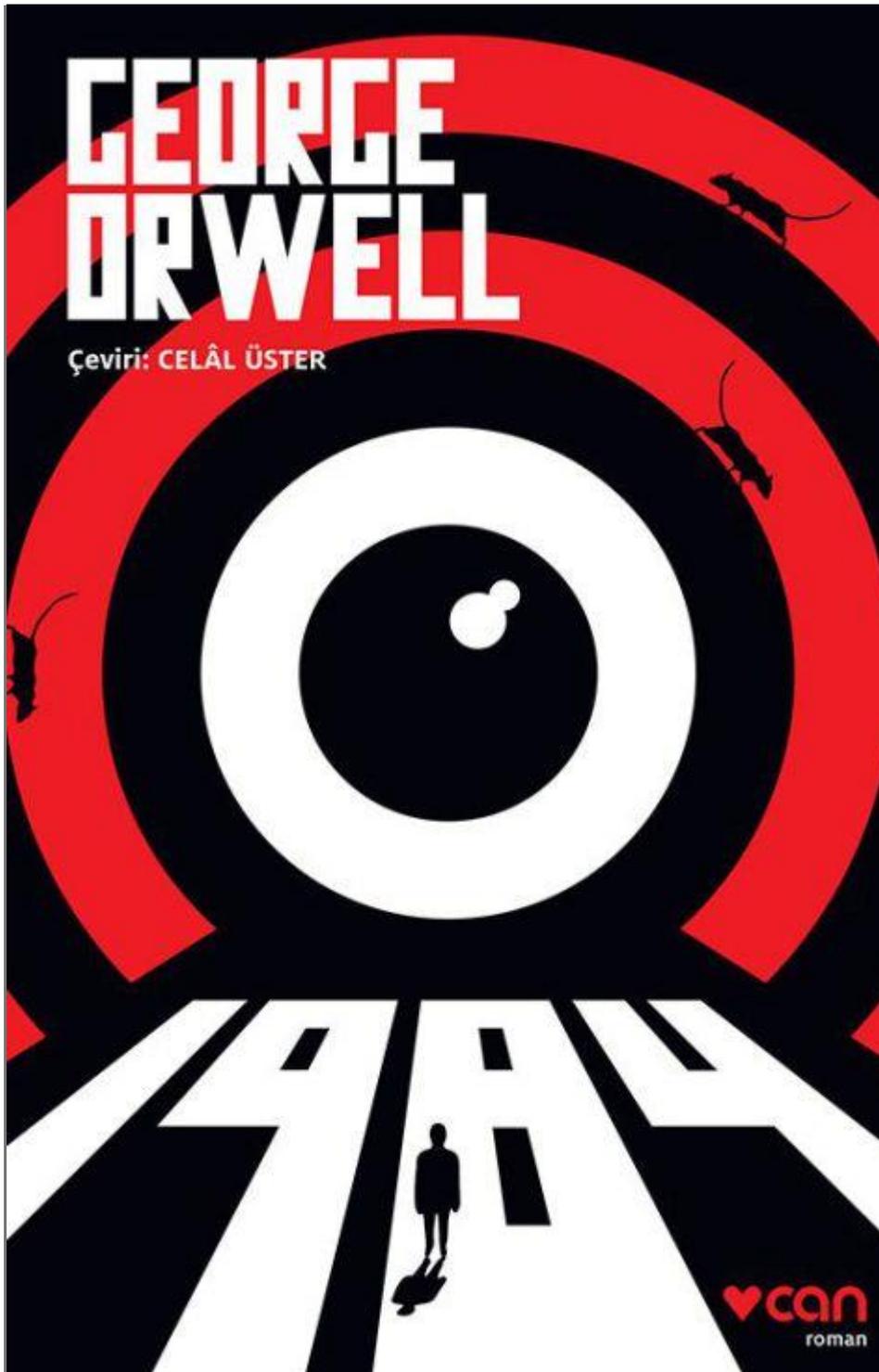
O Ibope de Beale começa a cair numa espiral descendente conforme ele cessa de ser uma excitante novidade e passa a agir como um soturno filósofo Adorniano, com um desespero Kierkegaardiano, que reflete sobre a desumanização acarretada pela mídia de massas e sobre os horrores da atomização dos indivíduos. “Desliguem a TV! Desliguem-na e deixem-na desligada!” – é o conselho que ele tem ao público após uma vida devotada ao *métier*. A ironia suprema do filme de Lumet é fazer com que esta mensagem contracultural e subversiva seja *cooptada* pelo sistema televisivo: a UBS irá utilizar Beale como um títere faz com sua marionete, criando as condições para um espetaculoso – e esplendidamente lucrativo – espetáculo sangrento derradeiro.

Howard Beale acaba por me lembrar de um dos mais notáveis personagens da ficção inglesa no século XX, Winston Smith, de *1984*. George Orwell, em seu clássico da ficção-científica distópica, havia imaginado um mundo dominado por aparelhos – as teletelas (*telescreens*) – que podiam ter seu volume reduzido, mas “era impossível desligá-lo de vez”. A originalidade da teletela de Orwell é que ela não era apenas um tubo emissor de imagens e mensagens, mas também um dispositivo de vigilância e controle: uma mescla de TV com câmera de segurança. “Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Tinha-se que viver – e vivia-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado.” (ORWELL, 1984, cap. 1)



Tanto Howard Beale quanto Winston Smith terminam por adquirir um conhecimento íntimo do funcionamento do “Big Brother”, o Grande Irmão, em especial pois foram *serviçais do sistema pela maior parte de suas vidas*. Beale como telejornalista, Smith como “falsificador” profissional dos jornais do passado, ambos estiveram nas entranhas do monstrengo. A revolta de ambos é motivada pois eles estão *bem-informados demais* sobre o que ocorre nos bastidores, seja da corporação, seja do partido.

Em 1984, as teletelas são instrumentos utilizados pelo Partido para que conquiste as massas para seus interesses: o Grande Irmão deve ser celebrado como líder infalível e perfeito; já o inimigo público, perigoso terrorista e revolucionário sanguinário, Immanuel Goldstein, deve ser escorraçado sem fim. As teletelas orquestram o ódio das massas contra Goldstein, o traidor do Partido, o infame bandido, de modo que o público não cessa de ser condicionado a pensar em termos maniqueístas e a fazer a catarse de sua agressividade sempre contra o alvo apontado pelas telas. Soa familiar?



O Partido totalitário que rege a sociedade onde Smith vive e trabalha – e cujo protótipo Orwell foi buscar no III Reich Nazi e na fase stalinista da URSS – é uma imensa máquina de mentir, de iludir, de re-escrever o passado conforme as necessidades do presente. É também um Partido que se utiliza amplamente da *mídia de massas*, transformada também num polvo de mil tentáculos, que vigia com milhões de olhos, como um super-policial hi-tech no Neo-Panóptico do amanhã...

Winston Smith é alguém que, tal qual Beale em *Network*, irá descobrir-se incapaz de seguir jogando o jogo dos chefes como obediente cordeirinho: “Havia momentos em que o ódio de Winston não se dirigia contra Goldstein mas, ao invés, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e nesses momentos o seu coração se aproximava do solitário e ridicularizado herege da tela, o único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras.” (ORWELL, 1984, cap. 1)

Em 1984, um dos lemas do partido era: “Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.” Winston sabe muito bem, pois trabalha no Ministério da Verdade (um nome, é claro, irônico!) e ali exerce o cargo de “retocador” de jornais publicados no passado. Winston sabe muito bem que o “partido tem o poder de agarrar o passado e dizer que este ou aquele acontecimento *nunca se verificou*” e que pode mesmo contar mentiras deslavadas, como “o partido inventou o avião” ou “nunca estivemos em guerra com a Eurásia” (verdade promulgada um dia depois da trégua que interrompeu a guerra de 6 anos com a Eurásia...).

Assim como para Winston, para Beale o inimigo também é o “mundo de mentiras”. *Network* mostra uma espécie de tele-profeta rebelde que boicota seu próprio empregador, que declara guerra à corporação midiática onde fez carreira, como Spartacus contra Roma. O cerne de seu ataque contra a TV está na falsificação do real que ela impõe e pelos efeitos de alienação que causa – tema riquíssimo para estudos de psicologia social, por exemplo. A TV, segundo Beale, foi prostituída e corrompida a ponto de tornar-se apenas um circo e um *freakshow*, onde vale-tudo pelo lobo. Inclusive e sobretudo o sangue, a violência, a estigmatização de minorias, a perseguição a adversários políticos... A TV, ao invés de oferecer formação e conhecimento, cria conformismo. Condiciona as massas seja ao papel passivo de consumidores zumbi de imagens publicitárias e novelas inautênticas, seja ao papel de títeres nas mãos daqueles que precisam de massas-de-manobra para conquistarem seus fins.

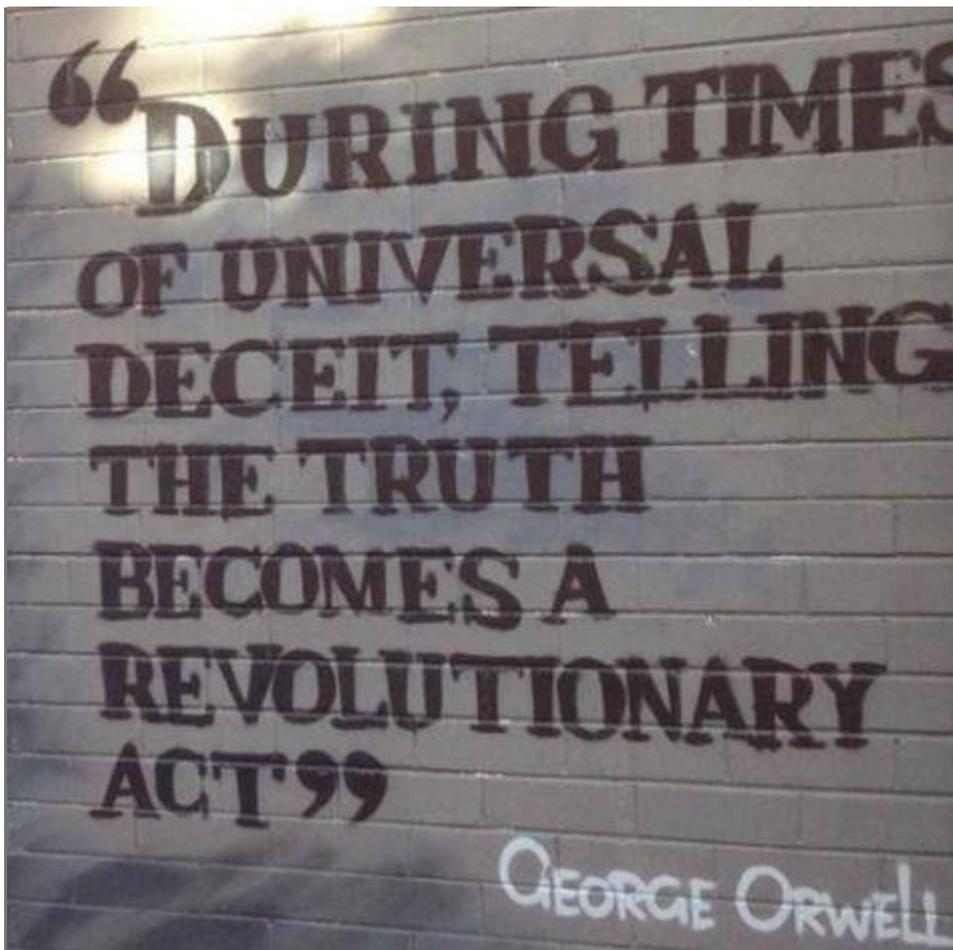
No mundo fictício fabricado pelo *noticiário* do Partido, em 1984, a verdade sobre a economia e sobre as condições de vida da população são escondidas, escamoteadas: publica-se na imprensa, por exemplo, que a produção trimestral de botinas foi de 145 milhões, quando na verdade havia sido de 62 milhões. Quadro diante do qual o irônico narrador Orwelliano comenta: “tudo o que se sabia é que, a cada trimestre, quantidades astronômicas de botinas eram produzidas no papel, ao passo que talvez metade da população da Oceania andava descalça.” (ORWELL, 1984, cap. 4)

Network é, igualmente, o relato da insurgência de um funcionário demenciado, contra um sistema compulsivamente mentiroso (como o são, no Brasil, desde a ditadura, as alianças entre mega-empresas como Abril e Globo com os partidos da elite autoritária e mandonista). Beale e Smith, ambos, saem dos trilhos da

ortodoxia, ousam pensar por si próprios, não conseguem mais viver enjaulados no conformismo. Em ambos os casos, tanto em Orwell quanto em Lumet, a jornada do herói não tem nada de triunfante e gloriosa, mas está condenada de antemão a soçobrar diante de um inimigo poderoso demais. Nisso, *Network* e *1984* assemelham-se a Kafka.

Se as teletelas de Orwell eram o instrumento supremo de doutrinação e controle que mantinha o Sistema do Big Brother no domínio, em *Network* somos apresentados a uma situação quase tão distópica: massas de “vidiotas”, para usar a expressão de Márcia Tiburi, sem senso crítico desenvolvido, títeres dóceis para as ordens teleguiadas provindas do Tubo, são capazes de tudo, até mesmo dos piores fascismos, até mesmo do homicídio premeditado (a ser difundido em cadeia nacional...).

Se personagens como Howard Beale e Winston Smith comovem e tornam-se fortes presenças em nossas memórias, talvez seja porque *Network* e *1984* não são obras totalmente deprimentes e desalentadoras. Mostram indivíduos que se insurgem em prol da expressão de uma verdade sobre a sociedade onde vivem que todos os poderes hegemônicos desejam calar, esconder, omitir, recalcar. Procuram desvelar o que não deveria ficar oculto, trazer à luz o que a tirania deseja lançar às trevas dos porões. Põe à nu um sistema desumanizador, de controle piramidal, baseado no *apartheid* social, e onde TVs e teletelas servem somente à imbecilização, à domesticação, ao controle. Mostram – como a História já havia feito, ou alguém imagina Hitler sem o rádio? – que é bem possível, infelizmente, uma aliança entre mídia e fascismo. As lições permanecem relevantes ao extremo em nossos tempos onde golpes de Estado são orquestrados pela televisão, “painéis” e linchamentos públicos respondem a chamamentos de telejornais corporativos, e multidões ensandecidas são capazes de serem as ovelhas amestradas da fúria fascista, orquestrada de cima dos telepúlpitos da plutocracia.



Eduardo Carli de Moraes
Goiânia, 29/03/2016

Um (hiper)texto da série #CinephiliaCompulsiva

Relacionado

:: [If there's no news, I'll go out and bite the dog](#) :: Em "a montanha dos sete abutres"

[#CinephiliaCompulsiva] "[A ESCOLHA DE SOFIA](#)" (Sophie's Choice), de Alan J. Pakula (1982) Em "Cinema"

"[THE TRUMAN SHOW / O SHOW DA VIDA](#)" (PETER WEIR, 1998)

#CINEPHILIA COMPULSIVA (por Eduardo Carli de Moraes) Em "Cinema"

Esta entrada foi publicada em [Cinephilia Compulsiva](#) and tagged [a montanha dos sete abutres](#), [billy wilder](#), [Caos nos Telepúlpitos da Plutocracia](#), [Capitalismo neoliberal globalizado](#), [Cinephilia Compulsiva](#), [Clássicos do Cinema Norte-Americano](#), [Comunicação de Massas](#), [Concentração de poder](#), [Controle corporativo da mídia](#), [Fascismo Teleguiado](#), [Faye Dunaway](#), [George Orwell](#), [Guy Debord](#), [marshall mcluhan](#), [Mass Media](#), [Matrix](#), [Network - Rede de Intrigas](#), [Noam Chomsky \(Manufacturing Consent\)](#), [O Grande Irmão \(Big Brother\)](#), [Oligopólio](#), [Peter Finch](#), [Peter Weir](#), [Pierre Bourdieu](#), [Plutocracia](#), [Sidney Lumet](#), [Televisão](#), [Winston Smith](#).

Crie um bookmark para o [Link permanente](#).

[Deixe um comentário](#)



SOBRE ACASADEVIDRO.COM

Weird in the head and wild at heart.

[Ver todas as mensagens por acasadevidro.com](#)

LIVROS

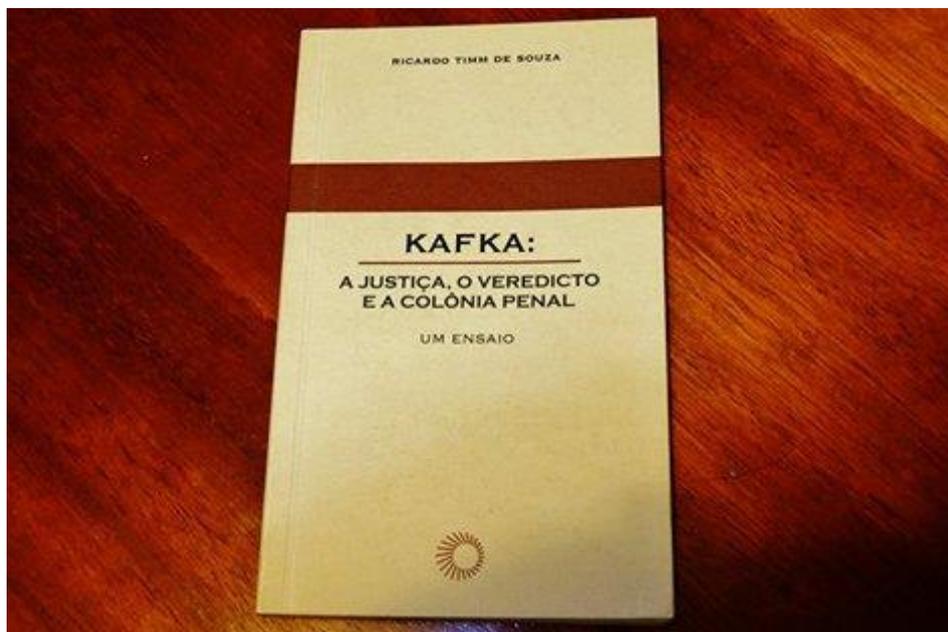
[Um país se faz com homens e livros – M.Lobato](#)

<http://homoliteratus.com>

[Ricardo Timm de Souza : Minha trilogia pessoal sobre Kafka - 3](#)

"A crítica da violência é uma das tarefas irrecusáveis do pensamento contemporâneo e, como tal, incorporando o que de mais expressivo foi cogitado nesse sentido no curso histórico da filosofia, ela tem preocupado, com relevo, a reflexão filosófica no Brasil. [Ricardo Timm de Souza](#) ancorou sua intervenção neste debate em um espírito icônico de nosso tempo: Kafka. A partir dele, o que duas de suas obras, O Veredicto e Na Colônia Penal, gravaram ficcional mas profeticamente, sob o horizonte do brutal e do horror no homem e na sociedade atuais, o autor deste ensaio desdobra com incisão, e amparo em um pensador como Levinas, a sua visão de como se propõe para a consciência de hoje, que é a do seu leitor, a relação da balança da justiça com

a temporalidade em que a linguagem se encerra e se exprime."
J. Guinsburg.



LIMPANDO A LINGUA COM MACHADO

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=machado%20de%20assis&co_categoria=2&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=null&ordem=null

A Desejada das Gentes Machado de Assis [bv] Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro / USP

TELEVISÃO

Arte 1 – O Canal - arte1.band.uol.com.br/o-canal/

O *Arte 1* é o primeiro *canal* brasileiro com uma programação inteiramente dedicada à *arte* e à cultura. Dança, música clássica e popular brasileira, cinema

TV Escola: Principal

tvescola.mec.gov.br/

A *TV Escola* é o canal da educação. É a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos .

VARIEDADES

http://www.vice.com/pt_br/

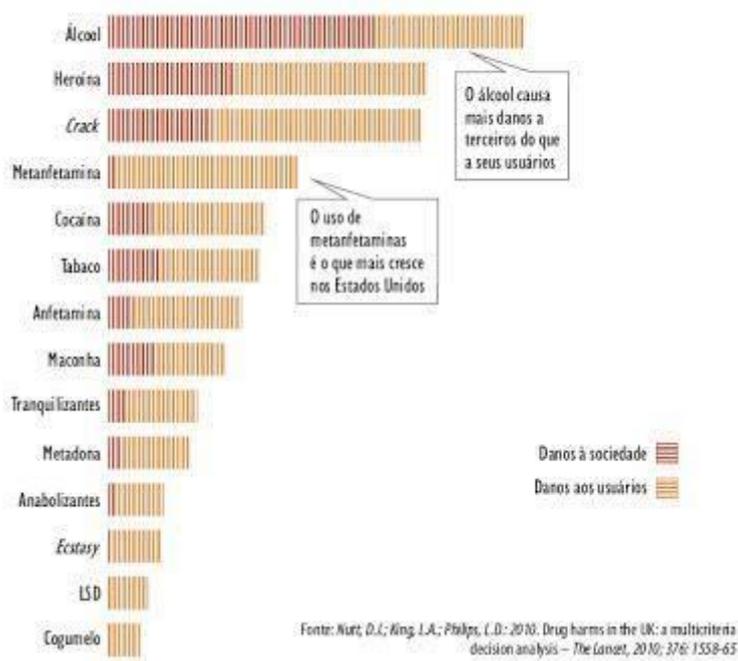
<http://orapois.blogfolha.uol.com.br/>

Drogas:

Há uma diferença fundamental entre as drogas. O álcool é muito mais disseminado e letal. Nele, no álcool, devia residir a prioridade das autoridades governamentais sobre controle de drogas. Ele é massivo, corrosivo, extensivo... As drogas pesadas são terríveis mas atingem um número relativamente pequeno da população. Controle de drogas devia ser controle do álcool. Pelas consequências sobre o corpo e o espírito, pelas consequências negativas no mundo do trabalho, pelas consequências nefastas nas famílias, pelos desastres que provoca no trânsito...

Álcool causa mais danos; crack aparece em 3º lugar

Estudo desenvolvido na Inglaterra estimou mortes de usuários e acidentes



CRÔNICAS , CONTOS E ETERNAS REPORTAGENS

Oração matinal da auto-destruição, único caminho da coerência.

Recitar logo depois de escovar os dentes...

“Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada, coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...”

Guimarães Rosa



Desafio Microcontos - Cem Toques Curtir Página

"Olho-me no espelho e tenho medo de mim.
E te pergunto:
- Você tem medo?
Se eu fosse você teria medo."

(Rô Mierling)

#desafio #cemtoques #microconto

Ariovaldo e Sara

Alexandre Ribondi - Brasília

Hoje, peguei o táxi do Ariovaldo. Num trajeto de 33 reais, o Ariovaldo falou da sua mulher o tempo todo, sem nem colocar vírgula. Ponto-e-vírgula, então, nem se fala. É que tem seis meses, depois de sete anos juntos, a mulher dele, a Sara, pediu um tempo. Ariovaldo se destemperou: "Tempo é o caralho. Vamos logo é se separar". E o Ariovaldo ficou todos esses meses sem procurar mulher, ali na salmoura, contando nas punhetas o dia de voltar. Só que, aí, Ariovaldo ficou sabendo que a Sara andou saindo com outros caras. Ariovaldo emputeceu-se. Sara quer voltar. Ariovaldo não quer ver ela nem pintada de roxo. Mas o Ariovaldo sofre. Eu disse pra ele, já no final da corrida, que era preciso perdoar a Sara e voltar. "Perdoo nada", respondeu. "Mas tá na cara que você é apaixonado pela Sara e que ela é apaixonada por você". "Mas não volto". E completou: "Justo agora que ela se formou em ciências contábeis e tá

ganhando bem, eu ganhando bem com o meu táxi, a gente podia levar uma boa vida..." Coitado do Ariovaldo. Coitada da Sara.

BOLETINS DE NOTÍCIAS E ANÁLISES



13 sites que querem mudar o jornalismo brasileiro

Estes projetos transformaram crise em oportunidade.

BUZZFEED.COM

www.sul21.com.br - www.outraspalavras.com.br - www.cartamaior.com.br

www.desenvolvimentistas.com.br - <http://www.auditoriacidada.org.br/>

www.maurosantayana.com - www.paulotimm.com.br <http://ciperchile.cl/>

www.correiocidadania.com.br/ - www.ecodebate.com.br - www.esquerdadiario.com.br

www.patrialatina.com.br www.estrategiaeanalise.com.br - www.abdic.org.br

<http://www.redebrasilatual.com.br/economia> - <http://plataformapoliticasocial.com.br/> -

<http://www.ifch.unicamp.br/cemarx/site/> - <http://gilvanmelo.blogspot.com.br/>

<http://www.voltairenet.org/> - <http://www.esquerda.net/> - <http://resistir.info/> -

<http://br.sputniknews.com> <http://www.laondadigital.uy/> <http://www.diarioliberalidade.org/>

<http://www.dominiopublico.gov.br> - <https://www.facebook.com/ptjornal> - <http://www.oplop.uff.br>

<http://www.laondadigital.uy/> - <http://newleftreview.es/> - <http://www.esquerda.net/> -

www.laondadigital.uy/

[Sociedade Brasileira de Economia Política](#)

[Fórum Mundial das Alternativas](#) - <http://www.nexojornal.com.br/>

Indicadores Economicos BACEN- <http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

ESTUDE ONLINE COM O QG DO ENEM - [HTTP://WWW.ENEM.COM.BR/CURSOSENM/](http://www.enem.com.br/cursosenem/)

FORUM 21 - <https://www.facebook.com/groups/1465485120431945/>

Blogs : <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/>

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/>

<http://bissexta.com.br> - www.agambenbrasil.com - <http://blogdaboitempo.com.br/>

<http://www.timmsouza.blogspot.com.br/> - <http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/vladimir-safatle/>

<http://marxrevisitado.blogspot.com.br>



REFORMA POLÍTICA JÁ! - <http://www.reformapolitica.org.br/>

Reforma Política Democrática - WWW.FPABRAMO.ORG.BR